



## RESENHA

OMENA, Luciane Munhoz de. *Pequenos poderes na Roma Imperial: os setores subalternos na ótica de Sêneca*. Vitória: Flor & Cultura, 2009.

Ygor Klain Belchior<sup>1</sup>

Graduação em História - UFOP

Orientador: Prof. Doutor Fábio Favarsani

Produto de sua tese de doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, em 2007, o livro de Luciane Munhoz Omena aborda as relações de poder estabelecidas entre setores subalternos e seus superiores hierárquicos da sociedade romana a partir das obras do filósofo Lucius Anneus Seneca, escritas ao longo do século I d.C. Do ponto de vista estrutural, o livro se divide em três partes principais: 1. A construção dos setores subalternos pela historiografia contemporânea; 2. A trajetória social e política de Sêneca; 3. A visão sociopolítica dos setores subalternos em Sêneca.

No prefácio desse livro, a historiadora Ana Teresa Marques Gonçalves reconhece que o grande mérito deste trabalho é o de analisar a atuação de setores que quase nada escreveram sobre si mesmos e sobre os quais encontramos poucas referências nas obras produzidas pelos historiadores da época, mas que agiram de forma efetiva para a constituição e contestação dos poderes políticos, econômicos e sociais no primeiro século romano. De fato, como nos mostra a autora na

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, bolsista do Cnpq - REUNI e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR). Endereço: Rua do Seminário s/n, Centro, Mariana – MG, CEP. 35420-000. E-mail: ygorklain@gmail.com

introdução de seu trabalho, os estudos sobre os setores populares na História são muito recentes. Essa nova análise histórica, fundada em contraponto à história política que se preocupava, sobretudo, com os grandes acontecimentos, pode ser datada no início do século XX com a escola dos *Annales*. Assim como o ogro da lenda que fareja carne humana, descrito no trabalho *Apologia da História, ou, O Ofício do historiador* de Marc Bloch (BLOCH, 2000, p. 20), o intuito desse trabalho é analisar a atuação dos homens, não somente das elites, como eram analisados pela historiografia do início do século XX sobre a sociedade romana, mas também a atuação dos grupos que atuavam na constituição do império e que foram objetos de muitas ações políticas e sociais. Afinal, era possível governar sem o apoio da plebe?

Ao observar o título desse trabalho, uma passagem de Tácito nos veio à lembrança. Nero (que foi contemporâneo de Sêneca) é chamado à presença do Senado em 61 d.C para discutir sobre os castigos a serem aplicados aos escravos da casa prefeito de Roma Pedânio Secundo, que havia sido assassinado (*Anais* XIV, 42). Apesar de essa passagem estar contida na obra *Anais* de Tácito, autor que compôs sua obra entre os anos de 115 d.C e 120 d.C, ou seja, posteriormente à composição das obras do filósofo Sêneca, o autor deixa transparecer a atuação dos setores subalternos quando oferece ao leitor a manifestação da população contra a decisão do *princeps* Nero de cumprir a lei e enviar ao martírio os quatrocentos escravos da residência de Pedânio Secundo. Esse debate, que foi presenciado pelo Imperador, consistia em duas opiniões: a primeira, direcionada aos senadores que eram contra a aplicação da pena máxima, representados por Cingonius Varro, defendia que a culpa de um não poderia recair sobre todos os escravos. Mas, talvez, a preocupação mais interessante é manifestada pelos senadores a favor da aplicação da lei, representados por C. Cássio. Essa preocupação transparece sob a forma do medo que as elites possuíam dos setores subalternos. Um medo que somente poderia ser eliminado através da coerção – “como poderemos reprimir esta numerosa mistura de gentes, se não for por estímulos do medo?” (*Anais* XIV, 44). É a partir dessa pequena reflexão

que pretendemos pensar o livro *Pequenos poderes na Roma Imperial: os setores subalternos na ótica de Sêneca*.

No primeiro capítulo deste livro, intitulado “A construção dos agentes subalternos pela historiografia contemporânea”, a autora critica uma perspectiva historiográfica influente, representada por Paul Veyne (*Le pain et le cirque: sociologie historique d'un pluralisme politique*), segundo a qual os setores subalternos seriam manipulados pelo *panis et circensis* (pão e circo), marcados pela passividade, a não intervenção nas relações políticas e preocupada com as doações e os divertimentos. Em um segundo momento, é discutida a perspectiva contemporânea de se estudar os setores subalternos através das interações sociais entre os agentes próximos ao centro de poder da casa imperial. Assim, partindo do debate a respeito das relações interpessoais na sociedade imperial, a autora constrói seu argumento tendo como base as idéias de Moses Finley, situadas em seu livro *A política no mundo antigo*. Neste livro, o autor considera que com o advento do império a política romana sofreu mudanças profundas. E a maior dessas transformações foi o fim da política. Conforme nos apresenta Omena: “a submissão do Senado, o fim das assembléias populares e a centralização do poder político do imperador finalizaram todas as formas públicas de exercício do poder” (p. 25). O poder residia nas mãos de um só homem (FINLEY, 1997, p.135). Tendo como base de análise as relações estabelecidas através do patronato, nesse modelo, as posições sociais seriam definidas através da proximidade que os aristocratas tinham com o detentor do poder. A lógica nesse sistema era de que somente os agentes mais próximos do centro de poder controlariam o acesso a esses benefícios. Os libertos e escravos somente entrariam nesse esquema se fossem pertencentes à *domus Caesaris*.

Contudo, a autora adverte que esses modelos interacionais da historiografia contemporânea tendem a limitar a participação dos setores subalternos na estrutura social. Além disso, a autora propõe a necessidade do estudo de como os setores subalternos são constituídos e como era feita a articulação desses setores no nível público, através de seu posicionamento político (apoio ou oposição às autoridades) e

no nível privado, através da análise das relações entre superiores e inferiores hierárquicos (p. 35).

No segundo capítulo, intitulado “A trajetória social, política e textual de Sêneca”, a autora concentra seus esforços na conjuntura de produção das obras do filósofo. Assim, partindo da análise biográfica, a autora dedica algumas páginas à discussão sobre a formação, a utilização da retórica e da filosofia e sobre o *corpus* documental legado por Sêneca, atentando para o seu recorte de análise que não irá privilegiar a cronologia das obras senequianas, mas recairá sobre temas específicos, tais como honra, riqueza, poder de influência, relação de patronato e condição jurídica dos indivíduos (p.52) . Contudo, o cerne da análise consiste nos limites e possibilidade de Sêneca como fonte documental para reconstruir historicamente certa imagem da sociedade de então (p.50), através da descrição de práticas sociais, no intuito de construir um retrato dessa sociedade (p.51). Dentro dessa prática social, Omena atenta para o fato dos textos de Sêneca nos auxiliarem na compreensão das relações de poder dos setores subalternos na sociedade Romana. O filósofo redesenha sob a sua ótica o cotidiano dos setores subalternos, sob a temática da política, do poder, do comércio, da pobreza, sobre os jogos gladiatoriais e a morte – todos os temas vinculados às situações concretas e contemporâneas à sua época.

No terceiro capítulo, intitulado “A visão sociopolítica dos setores subalternos em Sêneca”, a autora aborda a construção terminológica, atribuídas por Sêneca, aos setores subalternos (*turba, populus, multitudo, humillis, ignobilis, uulgus* e *plebs*) e como esses setores se relacionam com os detentores do poder. Para tanto, a autora trabalha, em um primeiro momento, com a perspectiva de se pensar as relações entre superiores e inferiores a partir dos micropoderes. De fato, os grupos superiores são considerados como figuras importantes no campo das relações de poder, mas a sua atenção recairá naqueles que legitimam e reconhecem esse poder. Pois, “esse cenário político só é mantido pelo *consentimento* e *reconhecimento* dos governados” (p.67). Por isso, Omena atenta para o fato de que os governantes

devem tecer estratégias e rituais para a manutenção e legitimação do poder (p.85), visando a conquistar o apoio dos setores subalternos.

Dentre essas estratégias, a autora nos indica novamente o universo representado por Sêneca em suas obras. O filósofo enfatizava a honra, riquezas, favores, reputação, popularidade, estatuto jurídico, patrimônio como elementos geradores de prestígio social, “o que propiciava unidade as suas obras” (p. 158). Além disso, podemos encontrar elementos que descrevem as bajulações a um aristocrata ou a estratégia de apoiar ou não determinado imperador. Ou seja, a autora demonstra em seu livro que o poder não era uma via de mão única, pois más atitudes para com os inferiores hierárquicos (como os escravos) poderiam gerar relações de inimizade e desconfiança. Essas constatações vão de encontro com as visões fornecidas sobre a organização social romana, calcadas na lógica da manutenção da hierarquia através do acúmulo de riqueza e prestígio, sendo mantidas, apenas, nos círculos mais íntimos do imperador.

Além disso, a autora inclui nesse capítulo a análise das atribuições e funções exercidas pelos setores subalternos, para desconstruir aquela formulação, anteriormente citada no início do seu trabalho, que consiste em descrever esses grupos através da ociosidade, “carregadas de imagens pejorativas sobre violência, desinteresse pelo trabalho e passividade política da plebe, bastando às autoridades fornecerem pão e divertimento” (p. 156).

O livro de Luciane Munhoz de Omena é um reflexo do avanço das reflexões em História Antiga no Brasil. Os estudos sobre Sêneca possuem grande embasamento em pesquisadores nacionais, como Fábio Faversani (*A sociedade em Sêneca*) e Marilena Vizentin (*Imagens do Poder em Sêneca*) e as novas interpretações para a sociedade romana realizadas por pesquisadores como aquelas representadas por Fábio Duarte Joly (*Tácito e a metáfora da escravidão*) e Ana Teresa Marques Gonçalves (*A construção da imagem imperial: formas de propaganda nos governos de Septímio Severo e Caracala*). Esta problematização da autora nos mostra como os estudos sobre o Império Romano estão avançando e adquirindo uma maturidade muito consistente.

Mais uma vez recorrendo a Tácito, assim como foi feito no início dessa resenha, não podemos deixar de citar uma passagem no contexto do divórcio do imperador Nero e de sua primeira esposa Otávia. Nessa trama, a população saiu às ruas em direção ao capítólio carregando as estátuas da antiga esposa e destruindo as de Popéia, a nova pretendente. Segundo Tácito, o imperador estava temeroso devido ao “grande risco que estivera por causa dos clientes e escravos de Otávia, que debaixo do nome do povo cometeram em plena paz atentados, apenas praticáveis em guerras civis. E também contra ele príncipe, aquelas mesmas armas se tinham dirigido, e só faltava um chefe, que facilmente aparece logo que tais comoções principiam” (*Anais* XIV, 61, 4). É essa preocupação que Tácito demonstra que me remete às idéias que Luciane Munhoz Omena extraiu das obras de Sêneca, de que se fazia necessário uma política para incluir e controlar os setores subalternos, pois eles faziam parte desse jogo social e poderiam ser utilizados para modificar a ordem. Portanto, podemos perceber que tanto Sêneca nos oferece uma visão muito mais complexa dos setores subalternos do que aquela visão, calcada na submissão, pacificação e diversão, assumida por boa parte da historiografia tradicional. E é nesse ponto que consiste a grande contribuição desse trabalho, o de nos oferecer aparato para a leitura de diversas fontes, como o exemplo citado de Tácito, e de percebermos a atuação desses agentes subalternos no cotidiano dos autores estudados.

### Fontes citadas

TACITUS. *The Annals*. Translated by A.J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2004.

TÁCITO. *Anais*. Trad. J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952 (Clássicos Jackson, Vol XXV).

## Bibliografia

- BLOCH, March. *Apologia da História, ou, O Ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- FAVERSANI, Fábio. *A Sociedade em Sêneca*. São Paulo: FFLCH/USP, 2000 (Tese de Doutorado).
- FINLEY, Moses. I. *A política no mundo antigo*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- GONÇALVES, Ana Teresa Marques. *A construção da imagem imperial: formas de propaganda nos governos de Septímio Severo e Caracala*. São Paulo: FFLCH/USP, 2002 (Tese de Doutorado).
- JOLY, Fábio Duarte. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004.
- OMENA, Luciana Munhoz de. *Pequenos poderes na Roma Imperial: os setores subalternos na ótica de Sêneca*. Vitória: Flor & Cultura, 2009.
- VIZENTIN, Marilena. *Imagens do Poder em Sêneca: Estudo sobre o De clementia*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.



Recebido em Novembro de 2010  
Aprovado em Novembro de 2010